

O sigma na atualidade

The sigma today

Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro*

Artigo recebido e aprovado em julho de 2010

Resumo:

O Integralismo brasileiro teve seu auge na década de 1930, quando a Ação Integralista Brasileira organizou-se nacionalmente, congregando uma militância que se engajara de corpo e alma em sua proposta política. A Doutrina do Sigma, seu guia ideológico e moral, era sua referência. Cassada a AIB no Estado Novo, o Integralismo permanece como ideia, e o Sigma é resgatado como diretriz para a sua reorganização na atualidade.

Palavras-chave:

Integralismo; Ideologia; Direita.

Abstract:

Brazilian Integralism had its heyday in the 1930s when the Brazilian Integralist Action (AIB) party was organized nationally, bringing together a militancy that embraced, body and soul, its political proposal. The Doctrine of the Sigma, its ideological and moral guide, was its reference. Stripped of the AIB in the *Estado Novo* (New State), Integralism persists in concept, and the Sigma is redeemed as a guideline for its current reorganization.

Keywords:

Integralism; Ideology; The Right.

A Ação Integralista Brasileira é considerada um dos mais expressivos movimentos de massa que se organizaram no Brasil nos primeiros anos da sua República. Sob o lema “Deus, Pátria e Família”, o Integralismo congregou, segundo o cálculo de filiados, mais de 800 mil militantes. Estes se reuniam em núcleos, por bairros, distritos,

* Doutora em História e Professora Ajunta da Universidade Federal Fluminense. Obras mais significativas: O Sigma como referência da memória – para se entender a permanência de uma utopia Integralista. Contemporâneos – *Revista de Artes e Humanidades*, v. 4, v. 4, p. 20-30, 2009. A busca da essência na continuidade: o pensamento Integralista nos séculos XX e XXI: do Sigma ao Sigma. In: Giselda Brito Silva; Leandro Pereira Gonçalves; Mauricio B. Alvarez Parada. (Orgs.). *História da Política Autoritária: Integralismos, Nacional Sindicalismo, Nazismo, Fascismos*. 1ed, Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2010, v. 1, p. 301-326. Contato: marciarrcarneiro@vm.uff.br.

idades, uniformizados com suas camisas-verdes, jurando fidelidade ao líder e Chefe nacional do movimento, Plínio Salgado.

Durante o período de vigência da AIB, entre 1932 e 1937, os integralistas participaram ativamente do movimento e demonstravam a militância, orgulhosamente, em marchas e comícios. Neste período, a visibilidade, os apelos para a necessidade de se impor um Estado de autoridade¹, como queriam os integralistas, eram assimilados como algo novo e possível. A invocação por um Estado cristão sob o lema “Deus, Pátria e Família” tornava-se um poderoso apelo diante de um mundo em crises, entre estas, a que a Igreja Católica considerava como a mais devastadora, a crise moral trazida pela “Era das Revoluções” que, com seus fundamentos materialistas, tanto do liberalismo como do comunismo, abrangia, inclusive, a de 1917, a Russa.

O temor a essas crises que atingiam o Brasil contribuiu para o avanço da AIB como movimento de alcance nacional, parecendo ao governo instituído, desde 1930, uma ameaça ao controle estatal, assim como era considerado o comunismo. O argumento da unidade, da necessidade de se impor, sob a autoridade de um governo ditatorial, de Getúlio Vargas e seu Ministério na construção do mito do “pai dos pobres”, do “estadista mais representativo da nação brasileira”, não podia admitir a divisão do comando da direção do destino do Brasil entre dois Chefes.

O projeto varguista seria levado avante pela implantação do Estado Novo, que se estabeleceria a partir de 10 de novembro de 1937. Nove dias antes, a força de aglutinação dos integralistas havia sido demonstrada para Vargas, quando a “Marcha dos 50 mil” avançou pela cidade do Rio de Janeiro desfilando para o presidente às portas do Palácio do Catete. E a cassação da AIB como organismo político seria justificada na instalação do estado de emergência pelo Decreto de novembro.

1 Os integralistas de hoje recuperam a definição de Estado de Autoridade e não um Estado Autoritário. O princípio da autoridade que reivindicam como característica do Integralismo está delineado no Manifesto Integralista de 1932: “Um governo que saia da livre vontade de todas as classes é representativo da Pátria: como tal deve ser auxiliado, respeitado, estimado e prestigiado”. Do *Manifesto Integralista* em SALGADO, P. Manifesto Integralista. Em: *Obras Completas*, vol. 9. São Paulo: Editora das Américas, 1955, pp. 93 a 111. Ver também: <http://www.Integralismo.org.br/?cont=825&ox=3&vis>. Acesso em: 30 jun. 2010.

2 A “Marcha dos 50 mil” ficou marcada na história do Integralismo como grande demonstração de poder do Chefe que, ao seu apelo para que os militantes demonstrassem a força do movimento, os “50 mil” integralistas teriam atendido, e, conforme o chamado de Salgado, desembarcado no Rio de Janeiro, vindos de várias partes do país, para desfilarem para o presidente da República em 1º. de novembro de 1937.

Este decreto, que anulava o pleito à presidência da República no qual Salgado concorreria, também impedia a existência de qualquer organização de cunho político. Com o fechamento da AIB, seus seguidores ainda sofreriam perseguições por tentarem depor Vargas no 11 de maio de 1938. Esta data, lembrada como marco de heroísmo dos integralistas, é guardada na memória do movimento como referência à traição do ditador ao movimento que esperava ser incorporado ao projeto varguista de Estado autoritário. O Chefe Salgado, que teve prisão decretada nesta ocasião, cumpriu-a algum tempo na Fortaleza de Santa Cruz, partindo em seguida para exílio em Portugal, sob o comando de Salazar.

Passados os tempos, em 1946, o exílio do Chefe foi vencido, os expurgos anistiados pela democracia e os ideais do Integralismo retornam à discussão com o Partido de Representação Popular, criado no ano anterior. Com o PRP, organizou-se, na década seguinte, a Confederação dos Centros Culturais da Juventude, de onde surgiria o Movimento Águia Branca. Os jovens integralistas, então, conhecidos como “águas brancas”, se colocavam a serviço, principalmente, do antigo Chefe da AIB, Salgado, como os guardiões da *Doutrina do Sigma*. Esta representa o conjunto de contribuições dos intelectuais da AIB ao arcabouço ideológico do movimento a partir das diretrizes traçadas pelo *Manifesto* fundador de 1932 e, segundo os integralistas, daria à AIB a feição brasileira e específica diante dos fascismos europeus. Marcaria, portanto, a diferença entre o totalitarismo e o Estado Integral³. A *Doutrina do Sigma*, como veremos adiante, torna-se o fio condutor da história do Integralismo e é o que inspira o ressurgimento dos ideais do movimento na atualidade.

Com a implantação da Ditadura Militar em 1964, que, através do Ato Institucional nº 2, de 1965, proibira o funcionamento de partidos políticos, o registro do PRP foi cassado. Plínio Salgado, considerado ainda Chefe Integralista, se filia à Aliança Renovadora Nacional, a ARENA, partido que se forma como expressão de uma “democracia permitida” pela Ditadura militar, e nele, continua exercendo suas atividades políticas, continuando também a congregar em seu entorno antigos seguidores do Sigma.

3 Segundo os intelectuais do movimento, no totalitarismo, o homem estaria subordinado ao Estado como parte deste. No que o Integralismo chama de totalismo e não de totalitário, o Estado seria uma das expressões do todo, como parte da síntese que incluiria todas as manifestações nacionais, sociais, econômicas, sendo que “o que ele objetiva, é a harmonia entre todas essas expressões, a intangibilidade da ‘pessoa humana’”. Conferir: Estado Totalitário e Estado Integral. In: Honestidade e coragem. Arquivo Público do Rio de Janeiro, s/d (década de 1930).

Com a morte de Salgado, em 1975, os integralistas viram-se órfãos de seu maior líder. Durante alguns anos, antigos militantes continuaram a acalentar a vontade de fazer permanecer a utopia Integralista. E, em 1981, foi fundada, no centro da cidade de São Paulo, a Casa de Plínio Salgado, por iniciativa dos ex-membros da Confederação dos Centros Culturais da Juventude. Os ex-águias-brancas pretendiam, além de formar um acervo importante das obras do Integralismo, principalmente de Salgado, organizar grupos de estudos e discussões sobre o movimento.

O sonho de continuidade do movimento Integralista, como tal, foi recuperado a partir de um impasse, que teve início em 1983, e que provocaria a reunião dos “velhos” militantes da AIB, dos partidários do PRP e os jovens, agora, senhores “águias-brancas”. Nesse ano, o advogado Anésio de Lara Campos Júnior registrara, num ato solitário, a Ação Nacionalista Brasileira, porém sem continuidade ou aderência expressiva. Porém, em 1985, ao fim da ditadura militar, no contexto da redemocratização, há outra tentativa de reestruturação pelo mesmo Anésio de Lara Campos Jr., que cria uma nova AIB e torna-se seu primeiro presidente. Em 1988, há, então, uma tentativa de reorganização do movimento com vistas a conter o que se considerava uso indevido da sigla da Ação Integralista Brasileira. A situação chegou ao ponto de uma convocação para um Congresso em 1989, em Niterói, Rio de Janeiro, que deveria decidir a nova orientação para ao Integralismo, incluindo a eleição da presidência. O médico Sebastião Cavalcante se torna presidente da nova AIB e Lara Jr., seu vice. Este processo teve a participação direta da família Salgado, principalmente, da viúva do Chefe, D. Carmela, de ex-militantes da década de 1930 que não teriam tido grande projeção nacional, além de “águias-brancas” fiéis à ideia doutrinária.

As discussões durante este período giravam em torno da necessidade ou não da reorganização da AIB enquanto partido político. Foi cogitado o nome de Partido de Ação Integralista (PAI), com a possibilidade de indicação de um nome para concorrer às eleições presidenciais de 1989. Porém, o debate que acontecera em 1945, sobre a necessidade de o Integralismo tornar-se partido, foi reacendido nesta nova situação. Sobre a questão partidária, este é um tema sempre recorrente ainda hoje nos debates dos integralistas atuais, os das décadas 1990 e 2000. A resistência à partidarização do Integralismo se apoia na essência antiliberal da *Doutrina do Sigma*. Mesmo que, durante os anos 1930 e entre 1945 e 1965, o movimento, principalmente através da figura de Salgado, tenha se feito representar em partidos políticos, o fato de participar da democracia representativa causava constrangimento a muitos seguidores do Sigma.

O aparente equilíbrio entre os grupos integralistas de então se rompe quando, ainda, em meados de 1989, Cavalcante renuncia ao cargo e Anésio volta à presidência. A maior ressalva dos antigos integralistas ao nome do Dr. Anésio, apoiados por alguns jovens introduzidos no movimento pelos velhos militantes e até da família, era a sua ligação, publicamente reconhecida, com alguns grupos que se autodenominavam nacional-socialistas.

Nesses anos 1980, tentou-se a reorganização em forma de associações que pretendiam reviver a antiga prática Integralista de doutrinação por encontros e cursos específicos. Tentava-se reorganizar o Integralismo através dos Centros Culturais. Dentre estes, o mais importante na reestruturação do Integralismo na década de 1990 foi o Centro Cultural Plínio Salgado (CCPS), localizado em São Gonçalo, Rio de Janeiro, que o advogado Arcy Lopes Estrella mantinha com seus próprios recursos. Ele fora militante da AIB e membro do PRP. Apesar de filiado ao PRP desde a sua fundação, Arcy, em depoimento ao Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI)⁴, demonstrava descrença na democracia liberal. Seu empenho, ao tentar reorganizar o movimento a partir de sua residência em São Gonçalo, tinha o apoio da Casa Plínio Salgado, da família Salgado, de “velhos militantes” da AIB, de antigos *perrepistas* e “águias brancas”, mas, principalmente, de uma juventude que afluía para o CCPS em grande quantidade. Frequentavam o Centro aqueles que buscavam a *Doutrina Integralista* como a base para suas reflexões políticas, desde filhos ou netos de militantes, uma terceira ou quarta geração dos militantes da AIB, descendentes de *perrepistas*, ou mesmo uma juventude que, ao ler as obras de Plínio Salgado ou de outros intelectuais do Integralismo, reconhecia nestas seus anseios, uma visão de nacionalismo e autoridade que lhe parecia, e lhe parece, o caminho seguro para o Brasil.

Os nacional-socialistas do Rio de Janeiro, liderados por Armando Zanini, também compareceram a algumas reuniões no Centro, assim como era frequente a participação da Juventude Nativista Bandeira do Sigma em reuniões e atividades festivas no CCPS. Ainda se aproximavam, neste momento, do Integralismo os chamados “Carecas”, principalmente os de Niterói e os do ABC paulista. Aos poucos, estes foram se afastando diante das especificidades construídas como de-

4 Foram duas sessões de entrevistas feitas entre setembro e outubro de 1998 para o LABHOI com, aproximadamente, 4 horas de fitas gravadas. Seus depoimentos foram tomados em sua casa em São Gonçalo. E quem passava pela estrada Amaral Peixoto, que liga Niterói à região dos lagos fluminense, até o ano de 2004, podia ver pintado no muro: Centro Cultural Plínio Salgado.

limitações bem definidas do Integralismo. A principal delas: a obediência à *Doutrina do Sigma*.

Pela caminhada do movimento Integralista por esta já longa história, se percebe que a relação entre a militância e os ideais integralistas se davam, nos diferentes contextos, de formas diferentes. A visibilidade, a propaganda intensiva que foi às ruas, às igrejas, às pequenas cidades do país, numa época em que o mais importante meio de comunicação ainda era o jornal, empolgava parte da população brasileira que era envolvida pelo apelo da relação que se fazia entre religião, a católica, principalmente, e a política. O lema Integralista “Deus, Pátria e Família” em si já se tornava um poderoso argumento. Tornava permitido o envolvimento da fé com o exercício da política, posto que as Encíclicas Papais *Rerum Novarum*, de 1891, e *Quadragesimo Anno*, de 1930, foram utilizadas como base da redação do *Manifesto* de 1932.

E o que se percebe neste “novo” ou “neo” Integralismo é que há essa busca em comum: o resgate da *Doutrina do Sigma* como norteadora, como diretriz do movimento. É a concepção de humanismo Integralista que estes novos militantes, que se consideram a quarta geração do movimento, dizem ser o elemento que os congrega, que lhes é referência e que, ao mesmo tempo, os diferencia das ideologias totalitárias. Segundo Miguel Reale, o Chefe da Doutrina Integralista da AIB, o humanismo presente no Integralismo, através da construção filosófica do homem integral, seria “um humanismo realista que anima o organismo da política moderna, inspirada em uma nova concepção do universo e do homem”⁵.

Na *Doutrina do Sigma* estaria delineada, em seu conjunto, a própria síntese do movimento. Esta síntese Integralista conteria seus próprios antagonismos: as contribuições “materialistas” dos iluministas, dos liberais, dos comunistas, socialistas e mesmo do criticismo kantiano e do idealismo hegeliano, visto como “fonte do materialismo dogmático”⁶, como parte do chamado “conceito materialista da existência” realizada “na expressão biológica mais completa, cuja medida lhe é dada pelos sentidos”⁷. Mas, em nome da unidade orgânica, o Estado Integral deveria integrar estes elementos discriminando-os: “O todo não deve absorver as partes (totalitarismo), mas integrar valores

5 REALE, Miguel. O Estado moderno – Liberalismo, Fascismo, Integralismo. In: *Obras políticas (1ª fase-1932/1937)*. Brasília: Editora UnB, 1983.

6 SALGADO, P. O conceito cristão da democracia. In: *Obras Completas*, vol. 8. São Paulo: Ed. Das Américas, p. 359.

7 *Idem, ibidem*, p. 335.

comuns respeitando os valores específicos e exclusivos (Integralismo)”⁸. Permaneceria uma visão espiritualista do mundo que seria a essência do Estado Integral superando, como negação por exclusão, todas as formas de pensar relacionadas à “filosofia das luzes”.

Reale, portanto, ao propor como símbolo do movimento o Sigma (Σ), teria como objetivo a ideia de síntese como significado de soma das várias formas de pensamento, no processo de acumulação e superação, como exclusão da diferença. E acrescentara, ao criar como referencial do Integralismo a letra grega Σ , uma representação do primado do espírito que estaria acima de qualquer forma de pensar humano. O Sigma (Σ) como sinal simbólico do movimento Integralista corresponderia à letra grega para “S”, significando soma. Esta, também, para os integralistas, seria a letra com a qual os primeiros cristãos que habitavam a Grécia costumavam representar o nome de Cristo (*Soteros*).

Além desta busca em comum pelo Sigma, o “novo” Integralismo teria como característica a necessidade de os “novos” articularem-se com os “velhos” militantes, tanto da AIB da década de 1930, como com os perrepistas dos anos 1940-1960. O apadrinhamento da velha militância daria aos “novos” a necessária ligação física com o pensamento de Salgado.

Mas as aproximações simbólicas com o “velho” Integralismo também construíram distâncias entre os que se consideram integralistas atualmente. Estas distâncias se aprofundam na própria interpretação da *Doutrina do Sigma*. A própria história interfere nas redefinições das formas de argumentar. Principalmente sobre a relação Integralismo e fascismo que as releituras feitas, principalmente no pós-guerra, tentam estabelecer como distâncias intransponíveis entre o movimento brasileiro e os europeus. E os debates principais hoje, na construção das diferenças, e a especificidade do Integralismo se apoiam, principalmente, sobre o modo de reorganização do movimento.

O “novo” Integralismo é composto de diversas correntes multiplicadas de norte a sul do país, principalmente no sudeste e sul, que buscam legitimar a auto-referência de verdadeiro herdeiro do Integralismo. A mais importante relação que sustenta esta continuidade é a *Doutrina do Sigma*. Nesta, os “novos” integralistas encontram a defesa de um nacionalismo característico brasileiro, da necessidade de recuperação de uma moralidade religiosa e a descrença na democracia representativa.

Esta “nova” etapa teria seu começo no lançamento do *Manifesto Integralista* de 2001. A data, 22 de janeiro, dia do aniversário de nas-

8 REALE, *idem*, p. 132.

cimento de Plínio Salgado. Este documento foi assinado pelas “organizações integralistas e nacionalistas, que apoiam e endossam este Manifesto à Nação Brasileira”, o CCPS de São Gonçalo, e o Centro de Estudos e Debates Integralistas, o CEDI. Este, fundado como Centro virtual em 2000, foi “inaugurado” oficialmente em junho de 2001. Neste momento, a presença de Arcy Estrella como principal editor dos jornais integralistas da época⁹ torna-o uma liderança confiável. Arcy podia ser considerado um verdadeiro guardião de uma memória Integralista que unia as três gerações, a de 1930, a do PRP e a da retomada do movimento sem o Chefe Salgado.

Nestes primeiros anos do século XXI, o “novo” Integralismo construiria sua feição mais moderna, como a utilização de novos recursos para a divulgação do movimento, busca de novas parcerias, com o uso da internet e a imprensa escrita. Muitos dos novos integralistas participam de movimentos católicos, alguns frequentam círculos pró-monárquicos, alguns são militares e ainda há certa aproximação, não concretizada, com a TFP (Tradição, Família e Propriedade), cujo símbolo, o leão rampante, fora usado pelo CEDI inicialmente, ladeando o retrato de Plínio Salgado.

As interrelações sociais que o mundo globalizado possibilitou também influenciam a nova feição do Integralismo. Desta “quarta geração” faz parte, principalmente, uma juventude que passa pela universidade e, buscando refletir sobre o mundo e o Brasil em que vivem, encontram respostas na *Doutrina do Sigma*. Leem e recuperam os escritos dos intelectuais dessa jornada do movimento desde 1930 até a morte do Chefe. Gustavo Barroso, Miguel Reale, Olbiano de Mello, Gerardo de Mello Mourão, entre outros, são todos trazidos à discussão como exemplos de reflexão sobre o pensamento universal e sobre a história e o porvir brasileiro.

E, se a feição que o movimento traz hoje é de ruptura, ela se iniciaria com duas marcas que, de certa forma, dividem por dentro e no tempo o “novo” Integralismo. Uma delas: a presença no movimento e a morte de Marcelo Mendez, em 2002, um dos fundadores do CEDI. Mendez tomou a dianteira como organizador, ao lado de Arcy, desse novo Integralismo do século XXI. Não que outras lideranças não existissem entre os jovens “militantes”. As discussões sobre a *Doutrina* entre estes “novos” integralistas eram e, ainda são, consistentes e constantes. No entanto, os conflitos existiam e as lutas internas levariam a um desfecho impactante para o Integralismo deste “novo”

9 Arcy Estrella era o jornalista responsável pelos jornais *Alerta*, *Idade Nova* e, também, o *Informativo CEDI*, o *Avante*; o *Quarta Humanidade* e o *Ofensiva*.

tempo. Mendez se suicida no mausoléu erguido em homenagem aos mortos de 11 de maio e abre-se uma nova discussão sobre o “novo” Integralismo.

Outro fato foi a morte de Arcy Estrella em 2003, que provocou, também, esta nova articulação. Mas, há que registrar que os “novos” integralistas não estavam, nem estão, sozinhos nesta busca pelo Sigma. Ainda encontram elos seguros para esta jornada: a Casa Plínio Salgado, que abriga antigos “águias brancas”, plinianos na infância, os irmãos Carvalho, e ainda podem contar com a defesa do movimento por Gumerindo Rocha Dorea, editor de obras integralistas, um pliniano e “águia-branca” também e, ainda, ex-secretário do Chefe Salgado.

A necessidade de se repensar o Integralismo levaria, em 2004, a reunirem-se os grupos dispersos que tentavam dar uma unidade a ele. Foi organizado o 1º Congresso Integralista para o Século XXI com o objetivo de reorganizar a AIB. Neste evento, estavam reunidos, na sede da UND (União Nacionalista Democrática) na capital paulista, representantes de Centros de Estudo e Debates Integralistas (CEDIs), do Grupo Integralista do Rio de Janeiro, da Casa de Plínio Salgado, de núcleos diversos de simpatizantes que haviam se organizado em seus locais de origem, com propostas debatidas internamente com o objetivo de expô-las e discuti-las no encontro.

Decidiu-se pela fundação do MIB (Movimento Integralista Brasileiro) e do Conselho Nacional Integralista formado por 40 membros que assumiram a missão de “resgatar Integralismo em todo Brasil”. Deste encontro também participaram representantes do Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), da União Católica Democrática (UCD), do Movimento pela Valorização da Cultura, do Idioma e das Riquezas do Brasil (MV – Brasil), alguns militares da ADESG (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra) e a UND.

Apesar de uma aparente unidade entre os “novos” integralistas que haviam se organizado para este encontro, o MIB não vingou. Por várias razões que, fundamentalmente, estavam voltadas para a interpretação da *Doutrina*. Mas outros acontecimentos já apontavam para esta falta de unidade entre os integralistas. Uma das razões, a recusa de alguns de participarem do evento por discordarem das posições de seus organizadores quanto à direção que seria dada ao novo Integralismo, quanto à sua própria liderança. Outro fato que impediu a fundação oficial do próprio MIB foi que a sigla já estava registrada pelo Dr. Anésio Campos Lara Jr. As rupturas foram se firmando na afirmação das diferenças e suas consolidações se deram com a criação da Frente Integralista Brasileira; do Movimento Integralista Linearista

Brasileiro e da Ação Integralista Revolucionária a partir dos desdobramentos desse encontro.

A fundação da Frente Integralista Brasileira, FIB, ocorreu oficialmente no dia 22 de janeiro de 2005. Com sede na capital paulista, a FIB se declara: “uma associação civil sem fins lucrativos (...) com foro nesta Capital com abrangência em todo território nacional”¹⁰. A FIB busca promover a criação de núcleos em vários estados brasileiros com suas representações. Atualmente, conta com o apoio do Instituto Plínio Salgado, fundado em 5 de julho de 2009, para as discussões doutrinárias e debates sobre outras questões de maior abrangência “para o aperfeiçoamento intelectual os membros da Frente Integralista Brasileira, para que eles possam, fundamentadamente, conquistar a superioridade do conhecimento em seu meio, progressivamente, até a conquista efetiva dos corações do Brasil através de nossas ideias”¹¹.

Em relação à *Doutrina*, a FIB defende a sua interpretação fiel, seguindo, de forma inquestionável, as diretrizes apontadas pelo Chefe Plínio Salgado, com base na leitura do *Manifesto de 1932*, que se apoia na *Rerum Novarum*. A visão que segue é principalmente, como da Encíclica Papal de 1891, de linha tomista. Na percepção de natureza crida por Deus interpretada por Tomás de Aquino, a linha de organização social basear-se-ia na família, sendo necessário, antes de tudo, seguir as regras considerando os degraus da hierarquia política, econômica e social que o lema Integralista indica: “Deus, Pátria e família”.

A filosofia de Aquino, numa releitura de Aristóteles sobre a vida em sociedade, aponta para o combate à ganância dos proprietários, à usura, e para a necessidade da distribuição social da produção como forma de preservar a ordem e chegar à felicidade, salvaguardando a propriedade de acordo com os direitos adquiridos pela posse. Assim, numa leitura atualizada no contexto capitalista, mantém-se a propriedade, mas se combate a plutocracia para conter a desordem moral e política no sentido de impor-se a ordem social organizada a partir da família e, dela, ao ofício, incorporados ao Estado sob a inspiração espiritual. Neste, o Estado Integral, estariam as regulações econômicas do direito à propriedade, defendida como meio de conter seu uso, tanto pelos interesses capitalistas, quanto do socialismo. E com o sentido de autoridade, o Estado se submeteria à ordem divina: “Deus dirige o destino dos povos”.

10 Disponível em: Estatuto Social da Frente Integralista Brasileira – www.Integralismo.org.br/ Acesso em: 29 ago. 2010.

11 Disponível em: <http://Integralismo.org.br/ead/mod.php?id=4> Acesso em: 29 ago. 2010.

Sob o primado do espírito, católico primordialmente, estaria o Estado que controlaria, sob a sua autoridade espiritual, o trabalho, integrado pelo corporativismo, incorporando, assim, a família, através do pai, com seu ofício. Neste sentido, a FIB defende a “Democracia Orgânica” delineada pelo movimento Integralista ao longo de sua trajetória, na qual se pregaria o voto profissional e não universal como meio de conter o que consideram problemas do liberalismo, o pluripartidarismo que levaria à defesa de interesses particulares antes dos do Estado e às divisões políticas internas e regionais do país.

No dia 25 de janeiro de 2009, dia do aniversário da cidade de São Paulo, foi lançado no Largo do Paço Imperial, na cidade do Rio de Janeiro, marcando o encerramento do Fórum Integralista Rio-2009, o *Manifesto da Guanabara*, texto produzido pela Secretaria de Doutrina e Estudos da FIB. O *Manifesto da Guanabara* define o Estado Integral:

(...) síntese nacionalista do Estado Cristão, é o Estado Ético a um só tempo antitotalitário e antiindividualista, que, não constituindo um princípio e nem um fim, mas apenas um meio, um instrumento a serviço da Pessoa Humana e do Bem Comum, está subordinado a Deus e é transcendido pela Ética e movido por um ideal ético.¹²

No *Manifesto* lançado pela FIB em 13 de maio de 2009, a Frente Integralista ainda recupera a preocupação com as definições da composição do povo brasileiro, demonstrando uma necessidade de se diferenciar do nazismo quanto às questões que se referem às distinções étnicas, que, na década de 1930, eram entendidas como “raças”.

Outro grupo que disputa a herança da Doutrina Integralista é o Movimento Integralista e Linearista Brasileiro. As reuniões do MIL-B se iniciaram em 2003 em Campinas. Desde então, pelo menos uma vez por mês os Integralistas e Linearistas se reúnem para estudos de política e História do Brasil. Depois, em 2006, foi criada a SENE, a Sociedade de Estudos do Nacionalismo Espiritualista, que se dedicaria à doutrinação. Finalmente, a Sede Nacional do MIL-B foi inaugurada em março de 2007. A SENE tem sede na cidade de Campinas, assim como o MIL-B, que ainda se reúne e mantém sede na cidade de Juiz de Fora.

Para o MIL-B, a *Doutrina* deve ser re-atualizada, os seguidores do MIL-B consideram que Salgado teria apontado para a possibilidade de

12 Manifesto lido e redigido pelo atual presidente da FIB, Victor Emanuel Vilela Barbuy (gestão iniciada em 2009). Disponível em: <http://cristianismopatriotismoenacionalismo.blogspot.com/2009/01/manifesto-da-guanabara.html>. Acesso em: 30 jun. 2010.

se pensar a *Doutrina do Sigma* sob outros contextos. Por isto, defendem representar o Integralismo do século XXI. Nesta interpretação, seguindo a ótica platônica de Agostinho, separa-se o mundo das ideias do mundo sensível. O verdadeiro conhecimento da realidade estaria no âmbito das ideias, enquanto o mundo sensível seria seu reflexo. Em Agostinho, a Cidade de Deus é a que guarda a perfeição divina, o mundo sensível é o da Cidade dos Homens, o da imperfeição. Assim, seguindo esta perspectiva, todas as explicações sobre a situação mundial e do Brasil devem ser vistas sob o prisma da existência de forças que estariam acima da compreensão humana, localizadas no mundo espiritual. Desta forma, o MIL-B entende que os problemas nacionais e internacionais estão presentes no mundo devido à preponderância econômica de certo grupo de poderosos banqueiros de origem semita que, na direção econômica do planeta, incentivam a destruição de todas as bases morais e humanas da sociedade mundial, implantando discórdias, controlando os antagonismos de forma a manter um equilíbrio de forças. Seriam os banqueiros internacionais que, inclusive, financiariam tanto movimentos de esquerda como de direita de modo a manterem esse equilíbrio. Segundo os seguidores deste grupo, eles não são contra o povo semita, os judeus primordialmente, mas sim contra a ação do capitalismo judeu, representado pelos banqueiros internacionais. Não seriam, portanto, anti-semitas, mas sim, anti-sionistas no sentido de discordar desse tipo de domínio do capital.

O MIL-B segue, além de Agostinho, o pensamento do filósofo natural alemão do século XVII, Leibniz. Para Leibniz, o mal metafísico seria a raiz do mal moral. Em Agostinho apoiam a ideia da impossibilidade de se questionar a fé, como em Aquino, porém, como algo que, acima da razão, indicaria o movimento do universo sem necessidade de comprovações materiais. Quanto a Leibniz, defendem como coerente a explicação que o filósofo natural dá à intervenção divina no Universo.

Os integralistas-linearistas também consideram a importância do corporativismo como base da organização do Estado, posto que acham que a Democracia Orgânica é a que “melhor e mais fielmente traduz a defesa dos interesses do povo. Isto quer dizer que a forma de Estado que desejamos é constituída dos organismos profissionais, culturais, familiares e religiosos, cada qual elegendo representantes, pelos votos de classe e qualidade”¹³.

13 Site oficial da Doutrina Linear Brasileira – Disponível em: http://www.doutrina.linear.nom.br/doutrina/Doutrina_DEMOCRACIA%20ORG%C2NICA.htm. Acesso em: 13 ago. 2010.

Ainda há a Ação Integralista Revolucionária (AIR), criada em 25 de dezembro de 2004 por Jeniberto Pizzotti, vinte e um dias após a fundação do MIB. A ideia era criar uma força alternativa à organização do Integralismo atual, mas também mostrar sua força e sua capacidade de liderança e, mais, se colocar como o portador da “verdadeira” memória. Em seus argumentos de autoridade, utiliza a sua história de liderança no movimento, a capacidade de resolver conflitos internos e de unir facções diferentes e sua ligação com Dona Carmela, que lhe deu a medalha de miliciano que fora do próprio Chefe. Toda essa história lhe daria autoridade para ser o novo Chefe Nacional. A ideia não é aceita pelos demais grupos e Pizzotti torna-se Presidente Nacional da AIR.

Afastado dos grupos com maior evidência, a FIB e o MIL-B, Pizzotti defende o Integralismo com uma análise particular. Ele ainda se considera um intérprete coerente do movimento, compondo seus apontamentos com uma independência crítica que adiciona à *Doutrina* suas próprias reflexões, se afastando, com isso, do tradicionalismo que a FIB segue à risca e que o MIL-B considera rever na perspectiva de continuidade da linha de pensamento de Salgado para o século XXI.

Entre divergências e confluências, muitas existem internamente. As contendas alcançam expectadores exteriores ao movimento que se tornam testemunhas das disputas acerca das interpretações doutrinárias. São debates que demonstram o profundo mergulho que cada grupo faz nas definições que fazem das obras integralistas. As suas análises, a partir das leituras doutrinárias, apontam as coerências dos olhares e observações, impregnadas das suas leituras que lhes dão especificidades. Como, por exemplo, a proximidade com a tradição do movimento e certo afastamento desta, na medida em que se apontam outras perspectivas, nas quais apontam relações com os argumentos fundadores.

Os integralistas da FIB, por exemplo, discordam da interpretação dos membros do MIL-B quanto à aceitação, por parte dos linearistas, de outros grupos que não teriam aprovação nos períodos iniciais da AIB, como a maçonaria. Também, a ligação com o catolicismo é um ponto de divergência. A FIB estaria mais próxima da leitura católica que inauguraria e motivaria a construção do próprio movimento. O MIL-B considera que a Igreja Católica, ao aproximar-se do Velho Testamento, da tradição judaica, incorporaria elementos que a distanciariam de uma visão mais pura do Evangelho cristão, do Novo Testamento. Ambos os grupos, porém, consideram, na essência da *Doutrina*, o primado do Espírito cristão.

Estes grupos relacionados buscam ser reconhecidos como os verdadeiros portadores da verdade Integralista, portanto, capazes de preservar-lhe a memória. Em comum, o apoio da *Doutrina*, ainda

que lidem com esta de diferentes formas, mas, também, compartilham interpretações sobre os acontecimentos pelos quais atravessou o Integralismo em sua história, como, por exemplo, a menção que todos fazem ao episódio de 11 de maio de 1938. Esta é bem significativa. Isentam os líderes principais do movimento da elaboração e, conseqüentemente, do fracasso do plano. Consideram como deslealdade a posição dos liberais que teriam participado da trama e que teriam saído, de certa forma, ilesos da história do *putsch* fracassado. Ainda, na memória preservada, os integralistas também consideram traição o fato de Vargas, ao instaurar o Estado Novo, ter provocado a desintegração da AIB. E, ainda, por não ter introduzido a cúpula, e através desta, o próprio Integralismo, no seio da sociedade política neste seu rearranjo de 1937.

Na atualidade, a organização destes “novos” integralistas se torna nacional através da internet, ganhando os espaços virtuais e chegando, como as antigas “bandeiras”, aos mais variados cantos do país. Atualmente as respostas são mais rápidas, mas nem sempre a assimilação das ideias é satisfatória aos olhos das lideranças do atual Integralismo. A independência de alguns “novos” integralistas é disputada pelos grupos citados, que defendem para si a posse da verdade doutrinária. Outros grupos surgem e se filiam, ou não, a alguma destas correntes principais.

Como proclamado por Salgado, a ideia contida na *Doutrina do Sigma* deveria significar a unidade, a síntese. A ideia deveria ser o verdadeiro Chefe. Em um discurso lido em sua ausência, no dia 10 de dezembro de 1934, aos concluintes do Curso de Humanidades em ginásio da cidade de Jaboticabal, o líder do Integralismo conclamava:

‘Camisas-verdes’! Quando quiserdes ver o vosso Chefe, olhai para os vossos companheiros. Quando quiserdes ouvir a voz do Chefe, rufai vossos tambores, soprai vossos clarins. Quando quiserdes sentir o espírito do Chefe, marchai porque ele estará no rumor dos vossos passos: os pensamentos andam como as pernas (...). O Chefe não é uma pessoa: é uma ideia.¹⁴

Mas, as disputas pela *Doutrina do Sigma* que se reatualiza como possibilidade ideológica de se pensar o Brasil expõem o conflito entre os “companheiros”, o que impediria a síntese possível do Integralismo na atualidade. A unidade que endossaria o Estado Integral elegeria

14 SALGADO, Plínio. Elogio da ausência – de Carta aos camisas-verdes. In *Obras completas*, vol. 10. São Paulo: Editora das Américas, 1955, pp. 257-258.

apenas um dos grupos, com sua interpretação da ideia, verdadeiro Chefe, segundo o eterno líder Salgado, para a direção do país.

A possibilidade de conhecer estes embates sobre uma ideologia construída nos contextos históricos que atravessou, nos arranjos ideológicos que se refazem nas costuras da *Doutrina* às interpretações do tempo, estimula a pesquisa sobre o tema, que ganha fôlego nos trabalhos dos pesquisadores, em especial aqueles que participam do Grupo de Estudos do Integralismo, o GEINT. Entre os estudiosos que se dedicam especificamente ao movimento atual, temos as pesquisas de Odilon Caldeira Neto e de Jefferson Rodrigues Barbosa. Além destes, outros que, mais próximos do “campo”, como Alexandre Almeida, Renato Dotta e Leandro Gonçalves, observam formas de organização destes movimentos que se consideram a via possível para a intervenção da “autoridade” na organização do Estado brasileiro. E, como pesquisadores, com os métodos que usamos, com as teorias que seguimos, analisamos, como trabalhadores da História, as formas de pensar e intervir que estão presentes nesta ampla relação social que Antonio Gramsci chama de Estado ampliado e que nos permite refletir sobre as constantes renovações das ideias.